

**Visões sobre a urbe Feirense - De cidade do “Silêncio e da Melancolia”
a “Princesa do Sertão”: Representações sobre Feira de Santana (1919-1949)**

ALINE AGUIAR CERQUEIRA DOS SANTOS*

As mudanças que se processaram na sociedade brasileira a partir dos finais do século XIX, mas precisamente nas décadas iniciais do XX, fizeram com que as elites letradas desejassem consumir modos de vida europeus, impondo uma remodelação da conduta social dos indivíduos, bem como uma reconfiguração das cidades, com base em políticas higienistas, modernizadoras, urbanísticas, em contraposição aos modos de vida populares. Um exemplo marcante desse processo foi o ocorrido no Rio de Janeiro, empreendido pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), que promoveu uma remodelação urbana radical, principalmente realizando demolições de prédios considerados arcaicos, para dar lugar uma nova concepção de cidade que se alinhava com os moldes europeus. Essa política de modernização, no Brasil, não se restringiu apenas as capitais, mas se estendeu a outras cidades, as quais passaram por um processo de reconfiguração do espaço físico, controle sobre a população e a tentativa de segregação das camadas populares.

Em Feira de Santana, essas pretensões de modernização surgem neste mesmo período, sendo que “as intervenções e melhoramentos se intensificaram nas primeiras décadas do século XX” (SANTOS, 2004:7). Com o crescimento da atividade comercial e o aumento da população, um projeto de modernização da cidade foi idealizado pelas elites locais, elites essas que eram formadas por membros da imprensa feirense, profissionais liberais (médicos, advogados, farmacêuticos), além de fazendeiros e coronéis. Este projeto referia-se tanto às obras de infra-estrutura, com ampliação das ruas e criação de avenidas, embelezamento da cidade, expansão da iluminação pública e construção das estradas de rodagem, disciplinarização da feira livre; criação dos Currais Modelo; imposição para população de novos hábitos ligados a práticas cidadinas, que se dissociava da identidade de cidade sertaneja, apontando a necessidade de civilizar a população, discipliná-la, incorporando novos comportamentos, já que seus costumes eram tidos como arcaicos e incivilizados.

* Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Bolsista CAPES.

De acordo com Sandra Pesavento “a cidade deve ser pensada como um problema, um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que se produzem e que se objetivam em práticas sociais” (PESAVENTO, 2007:13). Assim sendo, partimos de uma perspectiva da história cultural do urbano, analisando algumas representações produzidas sobre a cidade, problematizando a questão dos interesses políticos relacionados com essas idealizações, bem como as contradições vivenciadas entre uma cidade que estava na encruzilhada do rural e o urbano. Para esta análise os conceitos de práticas, representações e apropriações de Roger Chartier são fundamentais para problematizarmos essas visões sobre a urbe feirense, haja vista que, ele identifica as representações do mundo social, ligadas aos interesses de determinados grupos. Logo, cada grupo elabora seus discursos, seus significados, suas imagens da cidade conforme seus interesses, isto gera um embate entre os mesmos, uma disputa de representações, tentando legitimar determinadas práticas.

Entre essas representações destacamos a cidade feirense representada como uma cidade ideal: a “Petrópolis Baiana”, “de natureza sã”, como um lugar ideal para se curar de doenças, ou para “passar as férias já que seus ares supostamente faziam bem à saúde”, para uma cidade de vocação comercial, a cidade “Princesa do Sertão”, no qual foram atribuídos a cidade de Feira de Santana as características de potencialidades comerciais, os aspectos de civilidade e progresso, que vão compor os discursos e as representações das elites locais. Deste modo, analisaremos como essa idéia de civilidade e progresso vai se firmar na representação da cidade ideal, enquanto uma princesa, e as implicações desse imaginário.

Outra representação escolhida para ser discutida é a que a cidade é vista através de “olhares líricos” como afirma Cátia dos Santos, ou seja, privilegiamos representações de poetas e memorialistas que expressam um imaginário social sobre a cidade feirense, carregado de saudosismo, onde a mesma é tida como pacata, silenciosa, diferente da cidade que começa a sofrer as intervenções do “progresso”. Conseqüentemente destacamos, o uso das produções de poetas e cronistas como Eurico Boaventura, Alberto Boaventura, Godofredo Filho entre outros, assim, “a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano, pela expressão de utopias (...) individuais e coletivas que esse habitar propicia.” (PESAVENTO, 2007:14). Isto significar dizer que a cidade, não somente é representada

ou linda como um texto, mas que a cidade pode ser sentida através das experiências dos sujeitos que estabelecem contato com ela, é o que se esboça nas produções desses autores.

Conforme Aldo Silva, a representação da urbe feirense como uma cidade ideal já estava presente nos discursos veiculados pela imprensa desde os fins do século XIX, estes discursos eram pautados na ordem médica, de higienização dos corpos e principalmente, dos espaços físicos, identificando a cidade como um lugar salubre, livre de miasmas, que tinha na sua característica climática fatores que proporcionavam a cura, e o restabelecimento de doentes: firma-se assim, a difusão da imagem da Feira de Santana como a “Petrópolis Baiana”. Para Silva, essa imagem de Petrópolis Baiana, que apresentava a urbe como um lugar saudável e seguro, teria favorecido as atividades comerciais da cidade (SILVA, 2000). Ainda de acordo com esse autor, a perspectiva de se pensar Feira de Santana como uma cidade ideal continua, porém ocorre um abandono desse ideal da cidade de clima especial, para uma idéia que se associava “a uma visão da cidade como espaço civilizado e progressista, cuja expressão mais concreta seria maximização de suas potencialidades comerciais” (SILVA, 2000: 8).

No início da década de 1930, encontramos notícias nos jornais que ainda se referem à cidade como a Petrópolis Baiana, mas a representação que se sobrepõe é a imagem de uma cidade “Princesa do Sertão”. Vejamos uma matéria veiculada pelo Jornal *Folha da Feira*, em 19 de junho de 1933, uma compilação feita de um periódico da cidade de Teixeira de Freitas, o jornal *A Ordem*, que havia feito uma edição especial sobre a cidade de Feira de Santana, publicada em 02 de junho de 1933. Primeiro o trecho em que a matéria identifica a representação da cidade como de “natureza sã”:

*Município de Feira de Santana
Seu progresso assinalável através de zelosas administrações, que trabalham pelo engrandecimento da linda – Petrópolis Baiana.
(...) A cidade está edificada em portentosa planície numa altitude 245 metros acima do nível do mar. Por essa situação altimétrica a linda cidade possui um clima agradabilíssimo: quente no verão, frio e seco no inverno. É cognominada de “Petrópolis Baiana” pela amenidade invejável do seu clima
(FOLHA DA FEIRA, 1933: 1)*

Assim, percebemos que essa imagem de cidade de clima especial perdura, apesar da continuidade do artigo indicar que a idéia da cidade em quanto um lugar do progresso e da civilidade, é muito mais ressaltada.

O Município de Feira de Santana é dentre os municípios do Estado da Bahia, um dos maiores, mais ricos e populosos. (...) A sua sede, a belíssima e atraente cidade é uma das mais bem ajardinadas e das mais bem asseadas cidades da Bahia. (...) As suas casas são elegantes (...) e distintos palacetes

ornam as suas ruas e avenidas, dando-lhe aparecia de uma pequena Capital. (...) Todas suas ruas são longas (...) A bela e plana “Princesa dos Sertões” (...) os feirenses constroem suas residências, obedecendo às linhas mais modernas de construção. (FOLHA DA FEIRA, 1933:1)

Ao logo de toda matéria a exposição que é feita da cidade, é uma cidade de traçados perfeitos, que segue as tendências do urbanismo vigente nos anos 1930, com “construções modernas”, “ruas alargadas”, “ruas, avenidas e praças fartamente iluminadas com luz elétrica”, “cidade ajardinada e arborizada”, enfim, vários elementos que a caracterizam como uma cidade “Princesa do Sertão”, que estava na vanguarda do progresso à frente de outros municípios, um exemplo claro disso, é quando o articulista afirma que a cidade chega a ter uma aparência de uma pequena capital, haja vista, os sinais do “progresso” que ela apresentava. É interessante pensarmos que tal descrição da urbe acontece também, em comparação a outras cidades, ou seja, posto que foi lhe dado vários atributos que a representava uma urbe com ares de “capital”, o que a colocava em situação de destaque em relação aos outros municípios do interior. Porém, esse olhar de fora, que também idealiza a cidade, às vezes carrega na tinta na hora de enaltecer suas virtudes progressistas, homogeneizando a cidade real. É o que se verifica em relação à questão da luz elétrica, na matéria anterior, ressaltando que na cidade o sistema de iluminação pública era amplo, atingindo as principais artérias da cidade. No entanto, esse mesmo jornal veicula uma notícia se queixando do sistema de iluminação da cidade, afirmando que:

A Rua Visconde do Rio Branco é uma das artérias principais da urbe, (...). No percurso de uma centena de metros, à noite, é perigoso e arriscado o trânsito público, devido à falta de iluminação. O trecho compreendido entre a parte posterior da prefeitura e a entrada da Travessa Guarany está a exigir a colocação de alguns postes com lâmpadas de energia elétrica. A falta impõe reparo, sem delongas (...) por atingir a uma importante via pública, de digna de apreço, onde estão situados o Quartel, e a Prefeitura, etc...(FOLHA DA FEIRA, 1933:3)

Portanto, percebemos que o sistema de iluminação pública não era tão amplo assim, visto que uma rua de imediações importantes na cidade, ainda não era totalmente iluminada. Cabe salientarmos que a política de embelezamento da cidade e obras públicas referentes à urbanização da cidade, eram ações políticas que na sua maioria se restringiam a sede da urbe, sendo que os distritos quase não eram contemplados com essas ações. Sobre isto, Cátia Maria dos Santos argumenta que havia um contraste entre a sede e os distritos, o primeiro que se esforçava para adotar um estilo de vida urbano, e os distritos que se identificavam com um estilo de vida mais rural. Conforme Ana Maria

Oliveira, a imagem de cidade sertaneja, atrelada a figura do vaqueiro não condizia com a nova condição de Feira de Santana que almejava feições progressistas (OLIVEIRA, 2008:45-46). Ou seja, as elites locais estabeleceram como ideal político os aspectos do progresso e da civilidade, ancorados na representação da cidade como a “Princesa do Sertão”, e como tal não poderia ser representada com símbolos de incivilidade e atraso, características que eram atribuídos pela imprensa ao modo de vida rural.

Essa representação da cidade enquanto princesa surgiu do episódio da visita a Feira de Santana, de Rui Barbosa, em dezembro de 1919, quando realizou uma conferência no Cine-Teatro Santana, tendo como tema principal a política na Bahia e no Brasil. Todavia, foi a introdução do seu discurso que acabou perdurando no imaginário sobre a cidade, a famosa intitulação que “de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja tornava-se a bela Princesa do Sertão” (GAMA,2002). O fato é que essa representação foi apropriada pelas elites locais na articulação de discursos e ações tidas como modernas. Na perspectiva de Clóvis Oliveira o sentido de ser “Princesa” se relacionava com a condição da cidade em:

assumir o posto de cidade mais importante do interior do Estado, (...) nos quais os projetos de civilização estavam diretamente articulados à de uma memória que transformasse Feira de Santana em urbe, exercendo uma liderança na região em que estava inserida. (OLIVEIRA, 2000: 9)

Nesse sentido, havia necessidade de cada vez mais ordenar os diversos espaços da urbe, como disciplinar os comportamentos dos habitantes, que deveria está de acordo com as idéias de civilidade e progresso, e por isso foi criado em 1937, um novo Código de Posturas do Município, tido como “compatível com as exigências do progresso”[†] da urbe feirense. Conseqüentemente, esse código se referia sobre as diversas facetas da vida cidadina, regulando aspectos que iam desde as questões urbanísticas, até a regulação dos modos de ser e estar nesta cidade.

Mas outra aliada importantíssima, nesse processo de consolidação da imagem da urbe feirense como “Princesa do Sertão”, foi a imprensa, está como formadora de opinião explicitava em suas notícias, discursos em defesa da Feira de Santana na trilha do progresso, daí assuntos que se referiam ao espaço público, ao comportamento dos habitantes, as questões de civilidades, eram projetadas em suas páginas, em especial o

[†]PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. *Código de Posturas do Município*. Decreto – Lei Nº. 01 de 29 de dezembro de 1937, p. 3 e 4.

jornal *Folha do Norte*. Aqui identificamos os jornais como um lócus de relações de poder, em que os discursos divulgados são impregnados de intencionalidades, na consolidação de projetos políticos, ligados aos seus articuladores. As diversas notícias veiculadas ressaltavam tanto aspectos que contribuíam para a condição de cidade princesa, como também cobrava das autoridades públicas que a mantivesse com tal.

Quem conheceu a Feira de Santana há alguns anos passados e vem acompanhando seu progresso(...) deve sentir-se orgulhosos em admirar o que ela possui de belo. Elegantes jardins, ruas asseadas e devidamente arborizadas, inclusive a Avenida Senhor dos Passos, que, podemos dizer, sem contestação – a melhor da urbe onde se ergue o belo palácio da prefeitura. (FOLHA DO NORTE, 1938:4)

Impressiona mal, em artéria urbana de tanto movimento como é a Rua Conselheiro Franco, o destroçado passeio (...). Imagine-se qual será a impressão que receberá o forasteiro, ao atentar naquela ruína em flagrante contraste com os melhoramentos materiais da urbe. (...) é justamente naquele ponto, um dos mais freqüentados por ocasião das grandes festas (...). É indispensável e urgente, portanto, a restauração do referido passeio (...). (FOLHA DO NORTE, 1939:1)

Na primeira notícia são ressaltados aspectos urbanos da cidade que enaltecem o progresso da cidade, seu embelezamento que acompanham as tendências modernas do urbanismo e arquitetura vigentes na época. Na segunda notícia, apresenta um apelo para que as autoridades não deixem que uma das ruas principais da cidade, não continue com seu passeio danificado, destacando duas preocupações, uma em relação ao tipo de impressão o “forasteiro” poderia registrar da cidade, e a outra é porque a Rua citada era uma via importante para as diversas festividades da cidade. Então, fica nítido que o *Folha do Norte*, se apresentava como um “porta-voz de grupos da elite política e econômica auxiliando na construção das imagens que corroboravam aos interesses desses grupos.”(OLIVEIRA, 2008:34). É claro que isto ocorria, porque um dos seus donos Arnold Silva, era um importante político da cidade, e este jornal servia aos seus interesses políticos, que se relacionava com a representação da urbe como uma princesa.

Mas não era apenas nas feições estruturais da cidade que o projeto da Feira enquanto “princesa” tentava se firmar, os aspectos de civilidades eram bem explorados, afinal de contas era preciso modificar os hábitos, combater antigos costumes que na concepção das elites feirense, não se adequava as demandas da urbe que se modernizava. Na perspectiva de Rinaldo Leite o ato de civilizar tinha um significado que se relacionava em:

Ter a vida na cidade normatizada, distinguir-se por gostos e práticas elegantes, realizar melhoramentos na paisagem e possuir bons serviços de

infra-estrutura. (...) seria intervenção na paisagem física e estética da cidade (remodelação urbana), a higienização dos espaços, a introdução de tecnologias modernas, a regulamentação e organização da vida urbana, a moralização dos costumes, a aquisição de hábitos cultos, a prestação de assistência pública. (LEITE, 1996:43)

Deste modo, tal perspectiva abarcava uma série de intervenções sobre a cidade e seus habitantes, procurava-se redimensionar os espaços urbanos, modificavam-se os ambientes e tentava-se principalmente, regular as sociabilidades tecidas no cotidiano. “Apesar desse intuito autoritário de implantar uma ordem racional, a cidade e as ruas mantiveram lugares de sociabilidades que pertenciam às práticas de resistências da população e suas formas culturais” (SANTOS, 2004:9). E por mais que as elites ambicionassem consolidar aspectos urbanos para cidade, os elementos rurais ainda estavam presentes, especialmente, por conta da feira livre e da feira do gado.

Como dito anteriormente, a civilidade abarcava um significado mais amplo, e era um das bases em que as elites se apoiavam para empreender seus propósitos políticos. No início da década de 1940, em que de fato algumas modificações significativas começavam se esboçar na cidade, dois artigos publicados na *Revista Serpentina* dão um indicativo do uso da idéia de civilidade, ambos os textos começam sua narrativa a partir dessa perspectiva: “Como é tão moça a Feira, como ela é civilizada (...) a Feira é moça e moderna” (ALVAS,1941), “Ela já não é a cidade – garota (...) Cresce e civiliza-se.”(PITOMBO, 1941). Apesar de abordarem assuntos diferentes, os textos se referem ao processo de transformações no qual a urbe feirense estava passando, usando como alegoria as fases da infância (garota) e da adolescência (moça), para indicar que ela “cresce e civiliza-se”, referindo-se ao processo de “modernização” da cidade.

E se por um lado havia no discurso jornalístico uma ênfase na civilidade, a outra face da moeda era incivilidade, pois se havia uma defesa constante da imagem utópica da cidade princesa civilizada, é evidente que todo e qualquer acontecimento que transgredisse essa lógica era motivo de recriminação da imprensa. Em diversas matérias os articulistas do *Folha do Norte* reclamam dos comportamentos tidos como imorais, que se reportem a balburdia nas ruas. Os setores populares são os principais alvos de tais acusações, e práticas como o futebol nas ruas, animais soltos perambulando pelas vias públicas e as brigas cotidianas, apresentam-se como reclamações corriqueiras nesse periódico. A reclamação sobre essas ações sugerem que “tal esforço recorrente parece

provar que o projeto de ordem enfrentou dificuldades em penetrar nos costumes locais, os quais insistiam em enfrentar a urbanicidade, em desorganizar suas artérias fugindo dos padrões estabelecidos.” (SANTOS, 2004: 25).

Nessa discussão de civilidade Eronize Souza ao problematizar a violência e a modernidade em Feira de Santana (1930-1950), argumenta que a emergência de uma cidade em vias de modernização, necessitava de um “novo homem urbano”, condizente com as demandas dos aspectos da Moralidade, da Higiene e da Ordem. Nessa condição os setores populares representavam para classes dirigentes sinônimo de atraso, e incompatibilidade com o projeto civilista. O cotidiano das classes trabalhadoras aparecia nos jornais explicitando condutas tidas como “indesejáveis”, comportamentos como brigas, o uso de palavrões, falta de decoro dos mais diversos, eram estigmatizados de incivilizados, vadios e desocupados.

Ao que parecem as contradições desse projeto de civilidade, não tinham seu pólo de oposição somente nas camadas populares, pois alguns casos são noticiados eventos em pessoas dos setores médios da sociedade feirense se envolviam em brigas, querelas, ou atos caracterizados especificamente como inconvenientes, diante da urbe que aspirava ser refinada em seus hábitos e costumes. É o que aconteceu em um episódio nas vizinhas da Fábrica de bebidas a Leão do Norte, publicada no *Folha do Norte* em 1923:

Rapazes bem trajados, porém deseducados

*Pessoas residentes na Rua Senhor dos Passos, principalmente as que moram próximo à Leão do Norte, por muitas vezes, têm vindo a esta redação, queixando da maneira infeliz e vil por que se portam (...) ali certos moços. Os inconvenientes, após continuas visitas aquela casa de indústria, tornam se desrespeitadores, como ditos pornográficos e palavras libertinas, indo de encontro à moral de nossa terra (...). É triste, pois, que tal continue. **Porém, mais doloroso será que tais rapazes, que se dizem gente fina, sejam surpreendidos pela ação da polícia. (grifo nosso) (FOLHA DO NORTE, 1923:1)***

Logo, há no conteúdo da notícia a confirmação de um ato de incivilidade, mas o que nos chama atenção é como a construção do texto é feita, a nota apesar de ser incisivo quanto aos maus comportamentos dos atores dessa cena, se refere a estes como “moços” e “rapazes”, o próprio título da nota, assim como o trecho grifado acima sugerem que a procedência de tais indivíduos não se relacionava com os setores populares, atribuído os excessos cometidos ao uso da bebida. Se acaso esta nota se reportasse a pessoas dos setores populares as caracterizações dos atos seriam descritos

através da ótica dos estereótipos de incivilizados, vadios e desocupados. Neste sentido, a análise das tramas cotidiana é imprescindível para entender as tensões e conflitos estabelecidos entre os diversos sujeitos históricos que vivenciam essas experiências contrastantes do ideal de civilidade da cidade feirense. Assim, temos que perceber o cotidiano como um campo dinâmico, onde novas formas de ser e estar vão se recriando constantemente, diante do conflito da disciplinarização dos indivíduos e o confronto a essa disciplinarização (CERTEAU, 1994).

Até aqui discutimos como a representação de uma cidade ideal contribuiu para tecer representações sobre a cidade, uma cidade idealizada na tentativa, de atender interesses políticos dos mais diversos, que conflitava com a cidade concreta com seus problemas e mazelas, não tão princesa assim. Agora, iremos discutir a cidade percebida por outros olhares que de alguma forma divergem no primeiro momento com esse ideal de cidade progressista, explicitando as contrações da cidade feirense entre o rural e o urbano.

Se anteriormente observamos a construção da imagem da cidade feirense como a “Princesa do Sertão”, agora veremos como através de “olhares líricos”[‡], alguns autores por meio das poesias, crônicas e ensaios teceram um imaginário saudosista acerca da urbe, uma visão romântica. No entanto, essas representações apresentam ambigüidades, ora uma cidade estática, ora uma cidade em movimento. As percepções desses leitores da urbe foram sentidas e vivenciadas, através das suas recordações, impressões, sentimentos, que conflitavam com a urbe projetada, normatizada em retas, ou seja, a cidade “progressista” que tentava civilizar seus habitantes sertanejos.

Esse subtítulo, *A cidade do silêncio e da melancolia*, é uma referência a crônica escrita por Eurico Alves em 1932, no qual ele descreve que o ritmo da cidade feirense era calmo, lento, uma cidade pacata, que ainda não sentira os efeitos do tão proclamado progresso. Nessa idéia de uma Feira melancólica, triste e estática incorporamos outras falas, não somente a de Alves, porém é o discurso euriquiano o que com mais força representa sua terra. A incorporação de outras falas foi justamente pelo fato dos autores,

[‡] Na discussão dessa representação dialogaremos diretamente com o trabalho de Cátia Maria Ferreira dos Santos, *Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)*, em especial o segundo capítulo, *Olhares Líricos sobre a Cidade*, no qual a autora discute leituras que alguns personagens fizeram sobre Feira de Santana.

em alguns momentos partilharem a representação de uma cidade melancólica e silenciosa, conflitando com a representação da cidade princesa.

Começaremos então, por uma poesia de Antenor de Castilho, publicada do jornal *Folha da Feira* de 1933:

*Feira de Santana é uma cidade muito bonita, porém muito triste.
Parece uma mulher bonita que não sorrir. (...). Casas fechadas, ruas quase desertas, em suma uma cidade abandonada. No entanto, de quando em quando ecoa pelo ar (...) um gorjear sonoro de gargantas femininas. São as normalistas que passam com uma alegria (...). E a cidade sorrir. É que as normalistas são o sorriso mais lindo da cidade (CASTILHO, 1933: 2).*

Aqui Castilho afirma a beleza da cidade feirense comparando-a a uma mulher bonita, porém a caracteriza como muito triste, chegando a chama-lá de “cidade abandonada”, uma visão da cidade estática, parada, diferentemente de uma representação da cidade progressista, onde o movimento do ir e vir se faz presente. Entretanto, apesar de no primeiro momento o poema permitir essa leitura, no segundo trecho, ele indica o elemento que pode romper esse silêncio, essa tristeza, e dá vida as ruas desertas: são as normalistas. Deste modo, temos um elemento que movimenta a cidade, elemento que trás um aspecto relacionado ao progresso, visto que, “as escolas normais assumiram um novo papel, como preparatórias dos agentes do progresso da nação - as professoras do novo homem e disseminadoras da civilização letrada (SOUSA, 2001:18). Além disso, Ione Sousa afirma que ter uma instituição como a Escola Normal na cidade, era considerado uma expressão de modernidade e civilização, essa mesma associação era revertida para a figura das normalistas. Portanto, temos uma representação que carrega o duplo sentido: a cidade triste (a estática) e a cidade que sorrir (a do movimento). Mesmo assim, quando o autor descreve a cidade não aparecem, aspectos relacionados às obras de melhoramentos urbanos, tão frisados na imprensa no mesmo período de veiculação dessa poesia, ao contrario se fixa uma imagem de cidade provinciana sem sinais da modernidade, a não ser as normalistas.

Alencar Filho assim como Castilho teceu uma visão da urbe como provinciana e triste:

*Feira de Santana, você é a cidade mais triste que eu conheço.
Suas ruas longas e desertas têm a monotonia enervante das linhas retas.
E as sua noites são tristes como todas as noites provincianas.
Você tem uma tristeza heráldica de cidade fidalga. (...). (FILHO, 1934)*

Nesse trecho do poema a Feira de Santana é imaginada como triste, monótona, “das noites provincianas”, com uma tristeza que simboliza o brasão da aristocracia feirense, indicando que este autor esboça um saudosismo referente a essa cidade, posto que apesar de triste apresenta-se com ares de fidalga. No entanto, “suas ruas longas e desertas têm a monotonia enervante das linhas retas”, e apesar da rua está deserta, ou seja, sem movimento, suas formas, em particular a retilínea, incomoda o poeta. Uma possibilidade de leitura desse incomodo é pensarmos nas “linhas retas” como condutora de uma ordem, que tenta homogeneizar os espaços e as pessoas. Para Simone Kropf “o ideal da retilinidade para ruas é a pedra-de-toque do modelo cartesiano que preside a construção dessa cidade da razão idealizada pelos engenheiros (...), a rua reta é a imagem perfeita da disposição em impor uma ordem ao mundo” (KROPF, 1996:184). Embora Alencar Filho e Antenor de Castilho sugerirem uma idealização da cidade como triste e provinciana, Alencar Filho caracteriza as ruas da urbe feirense, conforme a disposição dos dados de urbanicidade vigentes com a política que aspirava o progresso e a modernidade para Feira de Santana, diferentemente de Castilho que não menciona tais elementos.

Já Souza de Oliveira fala da tristeza da cidade, apelando para alegorias naturais e religiosas, e de modo algum cita elementos que reportem aos aspectos urbanos da cidade:

*Feira de Santana, linda filha do Sertão (...) Sorris um sorriso doce, sutil nas
tuas belas manhãs;
E te entristeces à tarde, quando o sol agoniza nas tuas serras melancólicas.
Feira existe nas tuas noites uma melancolia misteriosa (...)
Parece-me que és triste, porque Santana, tua padroeira, é bastante
pensativa.(OLIVEIRA, 1933:4)*

A composição da narrativa deixa bem evidente uma visão lírica sobre a cidade, uma representação romântica, em que a tristeza é permeada, pelo sol que se põe, pela alegoria que a padroeira “é bastante pensativa”, esboçando uma fé contrita em relação à cidade, ou seja, tudo aparece ser contido, até o sorriso. Dando uma dimensão de uma cidade com um ritmo mais bucólico, que se remetem mais a características rurais, uma urbe movida pelo amanhecer e anoitecer. Conseqüentemente, Oliveira descreve suas impressões sobre a cidade numa representação distante da modernidade proclamada pelos jornais, não lhe interessa a Feira que tem ruas largas, que tem um sistema de

iluminação elétrica, o que lhe interessa é a cidade que é “filha do Sertão” e não a princesa.

Em meio a essas visões diversas veremos agora autores que demonstram as duas representações, alguns que comparam a cidade antiga com a cidade que se moderniza, explicitando um saudosismo, outros que apenas acompanham as modificações sofridas pela cidade através do ritmo da sua própria vida. De acordo com Pesavento, essas produções são uma forma de recuperar uma cidade, “através de narrativas de fronteiras entre o documental e a ficção”, recompondo assim, “experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerram” (PESAVENTO, 2007:19).

Alberto Alves Boaventura em suas crônicas e poemas faz uma apresentação da urbe, apresentando um paradoxo entre a cidade antiga e a cidade “progressista”. Apesar de não ser tão famoso como seu primo Eurico Alves, trás contribuições significativas tanto para discussão sobre as visões sobre a urbe feirense, quanto para compreensão sobre o cotidiano na cidade. Abaixo segue alguns trechos que explicitam essas comparações, bem com os valores e os significados que o mesmo dá à urbe:

*Minha Feira de Santana, ontem, cidade pequena,
De ruas desertas e tristes, iluminadas com lâmpões a gás.
(...) Hoje, cidade grande (...) de ruas largas e de gente culta
(BOAVENTURA, 1973)
Tudo isso foi nas décadas de vinte e trinta, quando Feira de Santana era uma
cidade bem pequena, vivendo dentro de um lirismo que só se encontra nas
cidades românticas. (...). (BOAVENTURA, 1983:31)*

A narrativa de Alberto Boaventura trás vários elementos para discussão, inclusive em relação à memória, já que a sua escrita leva a crer que no processo de rememorar ele carrega um olhar do momento da escrita, para o período ao qual está se reportando, porém não conseguimos encontrar a datação da sua escrita, apenas o das publicações entre 1970 e 1980. Conforme Astor Diehl “o ato de rememorar produz sentido e significação através da ressubjetivação do sujeito e a repoetização do passado, produzindo uma nova estética do passado. Podendo sofrer uma corrosão temporal, posto que, quanto mais distante da época, do fato ao qual se refere maior é o desgaste temporal sofrido no processo de memorização”(DIEHL, 2002:118). Para Alberto Boaventura nas décadas de 1920 e 1930, a cidade era marcada pelo atraso, retinha aspectos provincianos, com aspectos românticos de cidade pequena, de costumes rudes, ruas desertas. Este, porém, ainda afirma que nesse tempo se vivia mais feliz, e apesar da

“cidade ser atrasada, sem recursos, a vida era mais bem vivida”. Neste ponto, Alberto Boaventura se recente das mudanças que ocorreram em relação às sociabilidades da cidade, para ele nas décadas de 1920 e 1930, havia uma afinidade entre os habitantes da cidade, onde a prosa nos passeios era uma constante, onde se conhecia os moradores pelos nomes, em que os feirenses eram mais cordiais e hospitaleiros.

Na perspectiva desse autor, os aspectos de transformações e modernidade só surgem na década de 1940, com indicativo de mudanças urbanísticas, “ruas largas” e de civilidade, “gente culta”. Notamos assim, que para esse autor, algumas mudanças que se processaram na cidade nesse período, não foram interpretadas por esse memorialista como significativas, posto que a cidade neste período por ele foi assinalada como “atrasada”, uma representação que conflita diretamente com a propaganda pela imprensa desse período.

Todavia, em uma poesia do poeta feirense Godofredo Filho escrita em 1926, veremos que elementos diversos compõem suas representações sobre a cidade, assinalando já nesse ano aspectos da “modernidade e do progresso”. Vejamos alguns trechos:

*Feira de Santana do grande comércio de gado
(...) e dos dias monótonos pacatos dos dias sem ninguém (...)
(...) Feira de Santana – a de hoje tão diferente também é boa
Riscadinha de eletricidade. (...) Fords estabanados raquíticos (...).
O Fords arados desvirginadores defloradores de sertão(...). (GODOFREDO
FILHO, 1926: 83-91)*

Neste poema, através de fatos da sua vida, da infância e da juventude, o poeta vai tecendo várias visões sobre a cidade, este vai lembrando de pessoas e acontecimentos que lhe marcaram, ao passo que vai narrado as transformações da sua “terra boa”. Na primeira parte do poema que se refere a sua infância até início da sua adolescência, Godofredo Filho destaca as feições comerciais da urbe, representando uma cidade pacata e melancólica. Depois na segunda parte aparecem elementos da “modernidade” ou do progresso, como a luz elétrica e os automóveis, que em sua opinião “eram os defloradores do sertão”, uma alusão talvez a construção das estradas de rodagens que eram construídas na região de Feira de Santana, para acentuar sua função de entreposto comercial, e elo entre o interior e a capital. Cabe ressaltar que os automóveis nesse período eram sinônimos de progresso, por ser indicativo de movimento, de velocidade, de encurtar distâncias (SUSSEKIND, 1987:50). Godofredo Filho também apresenta sua

visão romântica de cidade, trás alguns aspectos melancólicos, que caracterizam essa Feira de Santana como proviciiana, porém com o passar do tempo, representando pelas fases de sua vida, a cidade se transforma, mas o autor afirma que a cidade “de hoje tão diferente é boa”, a princípio as pequenas mudanças que são introduzidas nas décadas de 1920 não são o suficiente para causar no poeta um estranhamento diante da Feira da infância para a Feira da juventude. Diferente de Alencar Filho que esboçou certo estranhamento quanto às formas das ruas.

Eurico Alves Boaventura poeta e cronista feirense, uma fonte fundamental para discussão da cidade de Feira de Santana, não somente pelas questões das modificações da cidade ilustradas na sua obra, mas pela riqueza dos detalhes do cotidiano que descreve, como também pela defesa da Feira de Santana Sertaneja. De acordo com Valter Soares, “Eurico tinha o “pé na roça”, mas transitava também pelo o “urbano”, e é desse lugar fronteiriço, na qualidade de representante ilustrado das elites do pastoreio, que ele enuncia o seu discurso”(SOARES, 2009:11). Na crônica que da título a esse subtópico da nossa discussão. Eurico Alves apresenta uma cidade calma, pacata, que vai acordando aos poucos, tomando os afazeres do dia a dia, ao seu tempo, no ritmo que o mesmo a descreve liricamente, sem a pressa das grandes cidades.

Por que Feira de Santana é mesmo a cidade do silêncio e da melancolia. (...), quando a gente chega a cidadezinha cor de lua (...) É tal qual menina que vai fazer primeira comunhão no dia seguinte. Sossegadinha. Séria. (...) Minha lírica cidade! (...) Nas manhãs cor de alegria, é um primor de inocência toda a cidadezinha. Nem gritarias de verdureiros, nem apitos estridentes (...) Abrem-se aos poucos as portas (...): Bom dia , D. Fulana, como passou de ontem para cá? (...) É assim a minha cidade do silêncio e da melancolia. (BOAVENTURA, 2006:.46-52)

Essa narrativa euriquiana, relata o cotidiano da cidade, envolvido por uma áurea lírica, o silêncio e a melancolia compõem cada cenário da cidade. Essa imagem da cidade confronta-se com a idéia de “Princesa do Sertão”, uma urbe movimentada e agitada, representações que também apareceram nas suas narrativas. Conforme argumenta Valter Soares a narrativa euriquiana:

Constitui-se um discurso-memória, tecido com reminiscências nostálgicas, filiais/familiares, de apego ao passado e saudade dos dias que se foram. Um dizer que busca estruturar uma memória-sertão, assinalando lugares da sua presença. (SOARES,2009:140).

Na crônica, *A velha e a Nova Cidade*, apresenta um embate entre a cidade da melancolia com a cidade que passa por metamorfose, vejamos alguns trechos:

Na velha paisagem sertaneja, Feira de Santana sempre foi um claro sorriso de tranqüilidade. De chofre, porém, transforma-se a cidade sossegada e se movimentada. (...) Até a quarta década do século metamorfoseava-se a velha cidade provinciana (...). Até 1930 a antiga cidade do Silêncio e da Melancolia adormecia os românticos. (BOAVENTURA, 2006: 84-86).

Assim, a cidade lírica de Eurico Alves, continua em sua poesia a ter um espaço, porém passa dividi-lo com a imagem de cidade que se transforma, mas Eurico dá um tratamento especial, a essa “Feira antiga”, sertaneja com elementos tipicamente rurais, com a figura do vaqueiro, tão enaltecido em suas obras, divergindo claramente, com o que era posto pelos dirigentes da cidade, que tentavam através da imprensa silenciar essa cidade do silêncio e da Melancolia.

Portanto, discutimos através de diversos olhares as representações sobre a urbe feirense, primeiro a cidade como a Princesa do Sertão com aspectos progressistas, depois discutimos a cidade do Silêncio e da Melancolia, lírica e sossegadinha. Essas representações se chocam, demonstrando as contradições de uma cidade, em que os seus aspectos rurais relutavam em dá espaço, as mudanças urbanísticas, que insistia em impor uma ordem, que pretendia hierarquizar e disciplinar, mas que era constantemente burlada por seus habitantes, que não abandonava os velhos hábitos. E que não somente os setores populares experimentavam essas contradições, mas os membros dessa mesma elite que impões essa ordem civilista e progressista estranhavam a nova configuração da cidade feirense.

Referência Bibliográfica

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIEHL, Astor A. *A Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

GAMA, Raimundo. *Feira de Santana e Ruy Barbosa*. Feira de Santana: S. Ed., 2002.

KROPF, Simone P. Os construtores da Cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. In: *Projeto de História*. São Paulo: Editora da PUC-SP, nº 13, p. 184/ junho/96.

LEITE, Rinaldo C. N. *E a Bahia Civiliza-se ... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de Modernização Urbana – Salvador (1912-1916)* Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

- OLIVEIRA, Ana Maria C. dos S. *Feira de Santana em Tempos de Modernidade: Olhares, Imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- OLIVEIRA, Clóvis F. R. Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2000.
- PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, nº 53/Julho de 2007.
- PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da Cidade - Visões Literárias do Urbano – Paris –Rio de Janeiro – Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. *Visões de uma cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929-1940)*. Feira de Santana: UEFS, 2004.
- SILVA, Aldo José M. *Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937*. (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2000.
- SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.
- SOUSA, Ione Celeste. *Garotas Tricolores, Deusas Fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945*. São Paulo: EDUC, 2001.
- SOUZA, Eronize Lima. *Prosas da Valentia: Violência e Modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)*. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2008.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.50.